



I

Campanhas

Gomes Freire¹ bate-se em 1784, aos vinte e tantos anos, contra os piratas de Argel, bate-se logo depois contra os Turcos, bate-se no Roussillon em 93 e 94, e bate-se pela Europa, nos exércitos de Napoleão, a quem chama homem com H grande.^I

Em 1784 Carlos IV manda bombardear Argel para castigar os piratas. Lá vai Gomes Freire, como guarda-marinha, num dos navios com que entramos na contenda. As lanchas dos contrários despejam metralha sobre as nossas; numa das que lhes saem ao encontro é Gomes Freire quem comanda a peito descoberto. Por oito vezes se repete o ataque, oito vezes ele se expõe à morte, magnífico de audácia e cólera. Levantam ferro quando, por entre os rolos de fumo que o vento do levante dispersa, se descobrem os panos da muralhas de Babesan e Batel derrubados. Regressa à pátria e deixa a marinha pelo exército.^{II} Em 1788 é sargento-mor no regimento de Peniche. Mas a inacção pesa-lhe, e ei-lo quase logo envolvido num quadro bárbaro e confuso, nos confins da Europa, sob as ordens de Potenkine, o favorito da grande Catarina.

Voltaire filosofa, Catarina aplaude-o, e, em nome da liberdade, apodera-se da Crimeia... Isto fica hoje muito remoto e confuso pa-

¹ Gomes Freire, que nasceu em Viena de Áustria em 28 de Janeiro de 1757, foi educado para soldado por seu pai, Ambrósio Freire de Andrade. Falava várias línguas, desenhava e pintava. Quando o pai morreu, em 1774, ficou com sua irmã [Nas edições de 1914 e 1917 é: «com uma irmã». A partir de agora, indicaremos apenas as datas das edições], Teresa, e sua mãe, vivendo em Viena, de onde os credores os não deixaram sair. A casa estava crivada de dívidas e hipotecas e os rendimentos cerceados: 1200\$00. Valeu-lhes a amizade do duque de Lafões. Veio para Portugal, sentando praça. A rainha D. Maria fez-lhe mercê da comenda de Mendo Marques, [1914: não tem vírgula] para pagar as dívidas de seu pai.

ra que nos interesse. São trinta mil, são cinquenta mil os mortos — não se ouve rumor. Essa hecatombe longínqua, baseada no *Sistema da Natureza* e no *Dicionário Filosófico*, já não nos toca.

A intriga, a violência, o dinheiro, todos os meios servem a Catarina da Rússia para substituir um *khan* dos tártaros, que lhe era adverso, por outro mais servil: Sahin Geras. O povo recusa porém a liberdade e chacina a escolta russa. É um pretexto para a invasão, e à invasão segue-se a degola e a desapareição misteriosa, no fundo dos palácios, de príncipes e soldados, a quem a morte, como o nível dum grande lago, cobriu com a mesma indiferente igualdade. Mais trinta mil tártaros são degolados por ordem do amante de Catarina,^{III} suspeitos de conspirarem a favor da liberdade pátria. As tropas russas devastam a Tartária e a czarina declara esses povos ingratos e resolve anexar à Rússia a província da Crimeia.

É como vêem uma mixórdia bárbara, onde remexe uma mulher sem escrúpulos². Hoje tanto faz mais trinta mil como menos trinta mil tártaros. O caso passado na Crimeia há mais de um século é como se se tivesse passado em Marte a semana passada. Dos cinquenta mil mortos nem os ossos restam...

Catarina não se detém: depois da Crimeia invade^{IV} o império otomano e as suas esquadras ocupam Cronstadt e os seus exércitos avançam e só param sob os muros de Oczakof diante de 310 bocas de fogo, que dia e noite vomitam metralha sobre os sitiantes. O frio é horrível, e a soldadesca que não cai a tiro gela nas barracas de campanha. Lá está Gomes Freire, que obtivera licença a 17 de Maio para ir combater no exército russo. Dentro da praça há ouro, prata, alfaias, e é a própria canalha, que morre de frio, que reclama o assalto e o saque. Debalde Hadgi-Ismael, governador da praça, despeja sobre eles os 310 formidáveis canhões. Às sete horas da manhã do dia 17 de Dezembro, abóbada de fogo por cima, chão de gelo resvaladiço para calcar, avançam 15 000 homens para a violência e para a morte. Rompem a machado as portas, atiram-se às brechas e, à frente da soldadesca que dá o assalto supremo, lá vai Gomes Freire, que é um dos primeiros a entrar na praça. Tinham morrido durante o cerco vinte mil russos, são assassinados lá dentro vinte e cinco mil homens, mulheres e crianças...

Essa guerra distante, que não cabe nos limites deste livro, dura cinco anos,^V vão ao matadouro milhares e milhares de homens, a

² *Romance Duma Imperatriz, Juventude de Catarina, Memórias, etc.*

peste e a fome assolam Constantinopla; o povo esfaimado exige a paz e Selim III arranca aos seus súbditos o ouro — em seguida a pele. Por fim a Turquia cede diante da imposição de Londres e Berlim, cede perante a mortandade, a fome e o incêndio que devorara em quatro meses trinta e duas mil casas, e sobretudo perante a conspiração contra o sultão, que só a custo escapa do punhal dos sicários, cercado na mesquita de Ashmet. Gomes Freire pôde enfim, já promovido a tenente-coronel da 1.^a plana da corte, em 8 de Outubro de 1790, e a coronel do regimento das Minas no ano imediato, regressar à Pátria em Setembro de 1793, glorioso e condecorado com o hábito de S. Jorge. Catarina dera-lhe uma espada de honra e o posto de coronel do exército moscovita. Ia entrar noutra campanha quase imediata.

O exército auxiliar português, sob o comando de João Forbes de Skellater, sai de Lisboa na tarde de 20 de Setembro de 1793, em catorze navios de transporte, comboiados pelas naus *Medusa*, *Bom Sucesso* e *S. Sebastião* e pela fragata *Vénus*³, para a inútil campanha de Roussillon, como auxiliar de Carlos IV, que declarara guerra à República.

A acção passa-se nos Pirenéus. Região de montanhas, guerra para sempre: cada recorte de cerro é um reduto — os homens nascem soldados. Os franceses improvisam-nos, mas a República só tinha definitivamente de vencer quando a Convenção, mola de ferro, impelisse o seu exército para a frente e lhe desse generais capazes. Por então sustém noutras fronteiras a Europa coligada. Maus generais, falta de tropas. Sobre isto Inverno, sobre isto a extensão das linhas. Por seu lado o espanhol não se decide: ataca e recua. Eterniza-se a guerra: paga-o o campónio, que vê a terra devastada e o casebre sem tecto.

Depois de alguns meses de campanha e de obstinação (1793), os resultados são nulos. Debalde uns pedem reforços à Convenção e os outros a Godoy... É esta a situação para os Espanhóis: uma linha de muitas léguas a defender, e um rio, o Tech, à retaguarda, quando lá chegam as nossas tropas. A viagem fora tormentosa.

³ «Neste exército — *Gazeta de Lisboa*, n.º 40, de 1 de Outubro — vão como voluntários o marquês de Nisa, João Gomes da Silva Teles, o duque de Northumberland, e o príncipe de Mont-Morency; o conde de Chelons se ofereceu igualmente, mas ficou detido por moléstia, e intenta ir por terra: o mesmo se propõe fazer Gomes Freire de Andrade, o qual depois de se ter distinguido gloriosamente no serviço da Rússia e da Prússia, voltou aqui nas vésperas da partida do sobredito exército, a que deve unir-se para pôr-se à testa do regimento de que é coronel.»

«Pareciam desenterrados.» Inverno — o Inverno dos Pirenéus — e chuva a potes. A Catalunha afigura-se um inferno ao soldado afeito ao doirado Inverno português. Não se sentem melhor os Franceses. «A chegada dos demónios portugueses», dizem eles,^{VI} «impede-os de invernaem na Catalunha.» Caem-lhes em cima, atacando as forças auxiliares que defendem Ceret.

O destacamento do regimento de Gomes Freire, que guarnece o reduto, debanda à primeira investida e sucumbe, quando António de Sousa Falcão acutela e detém os fugitivos e o próprio Gomes Freire acode à frente dum reforço. Repetem-se os ataques obstinados. É já outro o general, Dugommier, e o soldado, mais intrépido, carrega o inimigo à ponta de baioneta. Tinham chegado enfim tropas de Toulon: a Convenção respira noutras fronteiras, podendo dispor de melhores generais e soldados. A baioneta é a decisão: só homens possuídos duma ideia são capazes de marchar direitos às balas e à morte, com um pedaço de ferro na ponta das espingardas... Ao lado das forças, impassível, o *representante do povo* observa: «Ou vitória, ou guilhotina.»^{VII} Os espanhóis começam a recuar e, se não fosse Gomes Freire, a retirada transformar-se-ia em vergonhosa derrota. O espanhol, desmoralizado, não quer bater-se: quando o aprisionam e se considera livre de perigo dança o *bolero*. Rola a extensa linha, ameaçados de flanco pelo inimigo, os soldados debandam. Gomes Freire, com 281 praças, assegura-lhes a retirada apesar do murmúrio dos soldados. «Tratava-se de sacrificar alguma tropa para salvar o resto e se destinavam para este fim os portugueses, por serem fazenda mais barata» (ofício de Gomes Freire a Forbes). É certo, mas Gomes Freire fala-lhes por esta forma pitoresca e decidida: «Camaradas, se os espanhóis fugiram, devemos mostrar-lhes que um português vale uma dúzia deles. Se o perigo é grande, tanto maior será a nossa glória. Porém, se vocês querem ser tão fracos e cobardes como eles, vão-se já a todos os diabos, que eu cá ficarei só com as bandeiras e vocês passarão pela infâmia de as terem desamparado e de deixarem ficar à sua vista em pedaços o seu coronel.» Ao que o soldado Bento de Sousa responde com muito maior eloquência: «Aqui ficamos todos!»^{VIII} E ninguém arreda pé.

Os espanhóis fogem, deitando fora as armas, e internam-se na serra. «Raras vezes», diz Latino,^{IX} «a história militar consigna tão lastimosa retirada.» Um deles explica tudo nesta frase sintética: «Como escapasse o corpo, o mais não se me dá...» (*Memórias do Roussillon*). Todos os esforços são inúteis. Concentra-se o conde de

La Union sobre Figuera: as tropas de Dugommier avançam para a vitória decisiva, invadindo a Espanha. «Ou vitória ou guilhotina!»^X Os frades pregam contra os jacobinos; o general tenta de novo a sorte... Inútil. «Quem puder escapar, escape-se!», exclamam os soldados. Recusam-se a combater (praça de Collioure) e quando se rendem é ao som festivo dos pandeiros...

Com a derrota vem naturalmente a desmoralização e a indisciplina. As relações entre o general das forças auxiliares e os espanhóis são péssimas, e péssima a subordinação dos oficiais portugueses.

Já havia dentro do nosso exército partidos. «José Narciso, segundo corria geralmente, fizera *uma papelada satírica* sobre toda a campanha até 20 de Novembro.» Gomes Freire «era certamente um dos mais esclarecidos e briosos oficiais que serviam nas forças expedicionárias», diz Latino.^{XI} «Mas a sua índole altiva tornava-lhe insofrível a superioridade nos seus chefes e a mínima contradição nos seus iguais.» A derrota é comentada, as operações metidas a ridículo, e Gomes Freire não pode ver principalmente esse *vil e intrigante* Claviere, como ele chama ao ajudante-de-ordens de Forbes. Escrevem para a corte aos amigos e parentes dizendo mal dele. Desacreditam o general. O velho escocês é irresoluto e não sabe como há-de tratar os senhores fidalgos... Adoece⁴.

Os portugueses não podem ver os oficiais estrangeiros nos comandos superiores, Forbes, Claviere⁵, Mestral e outros. Gomes Freire e Pamplona sentem-se protegidos na corte...

O exército chegara às últimas. Os soldados do regimento de Olivença parecem mendigos. Procuram os olivais e o sol para catar o piolho. Não admira que se sucedam os desastres. Desastre a 17 e desastre a 20 de Novembro (1794). Os franceses querem a todo o custo vencer. No combate de 17 perdeu a vida Dugommier, no de 20 morre o conde de La Union. É tumultuosa a retirada das forças

⁴ Forbes foi toda a sua vida pobre e honesto. Como capitão de infantaria vivia em Lisboa na penúria. Tinha casado com uma senhora bem aparentada, mas depois as fidalgas fingiam que a não conheciam. Passou da infantaria para a cavalaria para ganhar mais algum dinheiro, e muitas vezes Pombal lhe acudiu à miséria. Era um soldado valente e leal — e mais nada. A falta de dinheiro e a falta de consideração amachucaram-no e marcaram-no para o resto dos seus dias.

⁵ Luís Carlos de Claviere traduziu em 1781 a *Instrução dirigida aos officiaes de Infantaria para saberem delinear e construir toda a qualidade de obras de campanha*, por F. de Gandic.